

Série Pensamento Negro Descolonial

Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas

Miriam Cristiane Alves
Alcione Correa Alves

ORGANIZADORAS



Míriam Cristiane Alves

Alcione Correa Alves

ORGANIZADORAS

Série Pensamento Negro Descolonial

Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas

1ª Edição

Porto Alegre

2020

editora



redeunida



FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

www.redeunida.org.br

editora



redeunida

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Túlio Batista Franco

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins**

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;
Alcindo Antônio Ferla – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;
Alexandre Ramos de Souza Florêncio – Organização Panamericana da Saúde, Nicarágua;
Àngel MartínezHernández – Universitat Rovira i Virgili, Espanha;
Angelo Stefanini – Università di Bologna, Itália;
Ardigó Martino – Università di Bologna, Itália;
Berta Paz Lorido – Universitat de les Illes Balears, Espanha;
Celia Beatriz Iriart – University of New Mexico, Estados Unidos da América;
Denise Bueno – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;
Emerson Elias Merhy – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil;
Erica Rosalba Mallmann Duarte – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;
Francisca Valda Silva de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil;
Izabella Barison Matos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;
Hêider Aurélio Pinto – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil;
João Henrique Lara do Amaral – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil;
Juleimar Soares Coelho de Amorim – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil;
Júlio César Schweickardt – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil;
Laura Camargo Macruz Feuerwerker – Universidade de São Paulo, Brasil;
Laura Serrant-Green – University of Wolverhampton, Inglaterra;
Leonardo Federico – Universidad Nacional de Lanús, Argentina;
Lisiane Böer Possa – Universidade Federal de Santa Maria, Brasil;
Liliana Santos – Universidade Federal da Bahia, Brasil;
Luciano Bezerra Gomes – Universidade Federal da Paraíba, Brasil;
Mara Lisiane dos Santos – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;
Márcia Regina Cardoso Torres – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil;
Marco Akerman – Universidade de São Paulo, Brasil;
Maria Luiza Jaeger – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;
Maria Rocineide Ferreira da Silva – Universidade Estadual do Ceará, Brasil;
Mariana Bertol Leal – Ministério da Saúde, Brasil;
Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira – Universidade Federal do Pará, Brasil;
Ricardo Burg Ceccim – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;
Rodrigo Tobias de Sousa Lima – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil;
Rossana Staeve Baduy – Universidade Estadual de Londrina, Brasil;
Simone Edi Chaves – Ideia e Método, Brasil;
Sueli Terezinha Goi Barrios – Ministério da Saúde, Brasil;
Túlio Batista Franco – Universidade Federal Fluminense, Brasil;
Vanderléia Laodete Pulga – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;
Vera Lucia Kodjaoglanian – Fundação Oswaldo Cruz/Pantanal, Brasil;
Vera Maria Rocha – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil.

Comissão Executiva Editorial

Márcia Regina Cardoso Torres
Gabriel Calazans Baptista

Arte da Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

Lucia Pouchain

ISSN: 2446-4813

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

E64 Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas / Míriam Cristiane Alves, Alcione Correa Alves, organizadoras. -1. ed. - Porto Alegre : Rede UNIDA, 2020. 213 p. – (Série Pensamento Negro Descolonial)

ISBN: 978-85-54329-36-5

DOI: 10.18310/9788554329365

1. Colonialismo. 2. Fatores Raciais. 3. Grupo com Ancestrais do Continente Africano. 4. Comportamento e Mecanismos Comportamentais. 5. Características do Estudo. 6. Racismo. I. Alves, Míriam Cristiane (org.). II. Série.

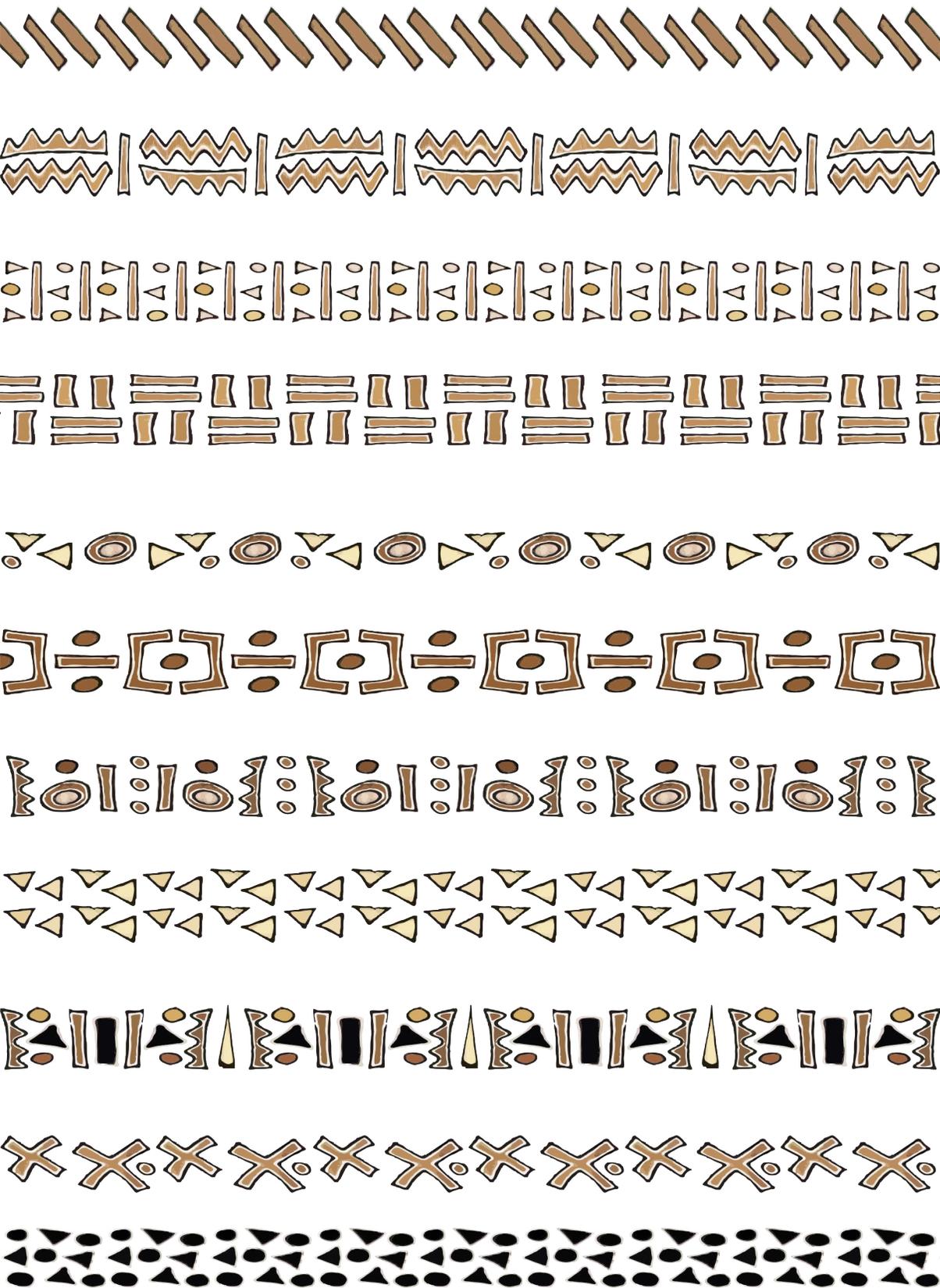
NLM: H 71

Catálogo elaborado pela Editora Rede UNIDA

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br





SUMÁRIO

Prefácio	7
<i>Deivison Faustino</i>	
Apresentação	19
<i>Miriam Cristiane Alves e Alcione Correa Alves</i>	
Escritura, representación y colonialidad. Una hipótesis de trabajo a partir de Fanon	22
<i>Alejandro De Oto</i>	
A teoria literária como jogo	35
<i>Alcione Correa Alves</i>	
Colonialidade da sexualidade: dos conceitos “Clássicos” ao pensamento crítico.....	51
<i>Tatiane Borchart da Costa e Miriam Cristiane Alves</i>	
As cores do afeto: um ensaio sobre as mulheres negras no contexto das relações afetivas	85
<i>Andréa Franco Lima e Silva</i>	
Potências auto-antropológicas: reflexões de uma estudante negra sobre teorias antropológicas contemporâneas.....	99
<i>Aline de Moura Rodrigues</i>	
Escrevivências sobre cuidado ao usuário de álcool e outras drogas: diálogos entre redução de danos e pensamento descolonial.....	110
<i>Marina Tremper, Miriam Cristiane Alves e Károl Veiga Cabral</i>	
A arte de trazer a vida pelas mãos.....	135
<i>Mirian Teresa de Sá Leitão Martins</i>	
Diálogo com Bell Hooks: reorientação da formação em saúde a partir da perspectiva negra descolonial.....	144
<i>Dyana Helena de Souza</i>	



Abaixa a guarda e abre o peito: o resgate físico, cognitivo e subjetivo do sujeito negro no slam chamego.....	159
<i>Fernanda Maiato, Máine Alves e Rafael Barcellos</i>	
Contribuições à reflexão afrocêntrica: aprendizagens matricentrais em processos de longa duração.....	176
<i>Jefferson Olivatto da Silva, Márcia Denise de Lima Dias e Thais Rodrigues dos Santos</i>	
Urbanização e resistência na África contemporânea: itinerários da ocupação urbana e a colonização em Cabo Verde.....	190
<i>Rutte Tavares Cardoso Andrade</i>	
Sobre as autoras e os autores.....	210

PREFÁCIO

Deivison Faustino

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (João, 1:1-5 – Bíblia Cristã)

“o ferreiro forja a Palavra, o tecelão a tece e o sapateiro amacia-a curtindo-a” (Hampatê Ba, 2010)

De acordo com a cosmovisão Dogon - povo que vive nas Falésias do Bandiagara, Mali - a divindade Amma gerou o universo a partir de um sopro sagrado original que permanece ecoando em espiral no tempo e no espaço que nos circunda¹. Para esta cultura, a fala não se limita a um ato singular do indivíduo em seu intento de transmitir determinados signos, mas a uma ação criativa sagrada que transforma o mundo material e espiritual a partir da manutenção do hálito divino original que gerou a vida no mundo.

No mesmo caminho, o etnólogo malinês Amadou Hampatê Ba fala da tradição bambara do *Komo* - uma grande escola de iniciação Mandê - onde se ensina que Kuma (palavra) é uma força fundamental que emana do criador supremo, Maa Ngala². Nesta tradição, Ma (o Ser humano), eleito pelo Criador como Guardião do Universo, recebera como herança divina o dom da mente e da palavra, permitindo-lhe manter a harmonia universal.

Assim como na mitologia Dogon, o ato de falar, para os bambara, nos conecta a uma universalidade cósmica sagrada a partir da incorporação, em escala menor, do ato divino da criação. É interessante notar aqui a inexistência de um conjunto de dicotomias hierárquicas fartamente presentes na cosmovisão helênica, e, em consequência, nos mitos de criação judaico-cristãos. Me refiro às dicotomias entre o sagrado (deus) e o profano (Humano); o corpo e a alma; a razão e a emoção; o inteligível e o sensível e, sobretudo, a dicotomia entre a teoria e prática, a partir de uma matriz de pensamento onde a concepção da ação e a fala pertence aos Senhores enquanto os escravos, meros instrumentos animados.

¹ Ver: DIAGNE, Mamoussé, 2005, Critique de la raison orale. Les pratiques discursives en Afrique noire, Paris, Karthala, 600 p.

² Ver: BÂ, A. Hampatê. A tradição viva. KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.



ESCRITURA, REPRESENTACIÓN Y COLONIALIDAD.

UNA HIPÓTESIS DE TRABAJO A PARTIR DE FANON

Alejandro De Oto

A fines de los años ochenta del siglo XX me encontraba cursando las últimas materias de una licenciatura en Historia, en la Universidad de la Patagonia San Juan Bosco, en Argentina. En una de esas materias, en concreto “sociología”, uno de los textos centrales era “Los condenados de la tierra” de Frantz Fanon (1983). No tomé ese curso pero me presenté a rendir el examen final en calidad de libre, que en Argentina significa que uno puede no asistir a las clases pero si presentarse a dar un examen global que permite aprobar la asignatura. Recuerdo que leí por completo el libro de Frantz Fanon (1983), sobre el que me harían unas preguntas con seguridad, y recuerdo también que entendí poco y nada de lo que allí pasaba. A la distancia me parece extraño que fuera así porque en mis estudios había tenido contacto directo con los historiadores marxistas, en especial con aquellos que genéricamente designamos con la rúbrica de “marxismo inglés”, lo cual haría suponer cierta familiaridad con la escritura de Frantz Fanon. Edward Palmer Thompson, Eric Hobsbawm, Ralph Samuel, Perry Anderson, y tantos otros, eran los nombres más frecuentados por entonces. No obstante, cuando leí “Los condenados de la tierra” me di cuenta que ese raro texto revolucionario hablaba de cosas diferentes y, sobre todo, tenía la impresión permanente de que hablaba de un tiempo ido, de un momento de la historia contemporánea que parecía sistemáticamente perdido tras los fracasos de las revoluciones del Tercer Mundo, de los movimientos de liberación nacional, de los horrores de las guerras emprendidas en términos de revoluciones, del despliegue sistemático de la configuración mental, política y cultural llamada neoliberalismo y un largo etcétera. Es decir, nada de lo que acontecía en mi contexto de referencias inmediato, la sociedad argentina de la post-dictadura y de la débil transición democrática, junto con sus discursos afiliados a los consensos sociales, alentaba la lectura de semejante texto como una herramienta del presente. Por el contrario, si uno lo leía era para sentir cierta satisfacción por haber dejado de ser epígono de aquellos sueños perdidos en los pliegues generacionales de las dos décadas precedentes, los setenta y los sesenta. Ahora era nuestro derecho a

la temporalidad el que estaba emergiendo y nadie, yo creo que tampoco, lo quería desaprovechar. Sin embargo, de todas las inconsistencias de mi lectura, que ahora me son reveladas por el hecho de haber transitado largamente la escritura de Frantz Fanon, la que más me impresiona, porque expresa el carácter de una práctica social fuertemente enraizada en los procesos de subjetivación de la sociedad argentina, fue el hecho concreto y brutal que nadie me hizo notar, una evidencia irrefutable acerca del autor de “Los condenados de la tierra”: él era negro.

Tardé un tiempo relativamente largo en darme cuenta del error cognitivo o intelectual, en parte porque aquella primera lectura estuvo indicada para dar un examen, pero no había llegado a mí por un interés genuino en los temas y problemas que trataba. Sin embargo, lo que me interesa de esta introducción sobre mi acercamiento inicial, luego abandonado, a la escritura de Frantz Fanon son dos dimensiones que se volvieron recurrentes en cada una de las inmersiones posteriores que hice en ella.

La primera, y principal, es que hay algo en mi error que es propio de un efecto y una consecuencia de la colonialidad del saber y de las geopolíticas del conocimiento²³; la segunda, tal vez menos clara y más difícil de delinear, se refiere a que se trata de un error que la escritura de Frantz Fanon relevará tanto para su narrativa como para las experiencias que intenta mostrar, al dar cuenta de los procesos que los cuerpos coloniales racializados atraviesan y conforman. Un error anclado en las regulaciones de una colonialidad del saber, pero al mismo tiempo desplegado en el modo de la tragedia de Sófocles, en tanto cada uno de los sucesivos descubrimientos que hacen los personajes fanonianos, lo hacen a partir del hecho de que sus equivocaciones y errores no son problemas morales sino centralmente cognitivos. Es decir, hay errores valorativos que hacen que las decisiones fueran incorrectas. Entonces, al advertirlos, la consecuencia es que nos empujan y conducen a zonas innominadas de la experiencia social e histórica que pueden producir (no es una determinación) una interpelación directa al mapa tranquilizador de conceptos y categorías de los saberes coloniales, entendiendo

23 Ambos conceptos tienen una dilatada presencia en las escrituras decoloniales. La colonialidad del saber, el igual que la del Ser (MALDONADO-TORRES, 2006, 2007) es una deriva del extensamente conocido concepto de Anibal Quijano: la colonialidad del poder (2007). Para un conjunto de intervenciones que fueron y son centrales sobre el modo de concebir la colonialidad del saber, ver la compilación dirigida por Edgardo Lander (1993), “La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales Perspectivas latino-americanas”. Para el concepto de geopolítica del conocimiento, sobre el que no discuro en este texto pero quiero dejarlo mencionado, hay varios trabajos de Walter Dignolo (2001, 2002, 2003a), que se pueden consultar y dan una visión precisa del problema en juego.

por tal los conjuntos completos de disciplinas acuñadas en las matrices de la colonialidad y de la geopolítica del conocimiento.

Veamos esto con más detalle. Uso la colonialidad del saber como una categoría flexible, y en el sentido que permite describir situaciones en las que una de las dimensiones, o varias, vinculadas a las condiciones de producción del conocimiento están ausentes o, por el contrario, demasiado presentes. Quiero decir con ello que la colonialidad del saber como modo de reproducción de las lógicas coloniales implica una discriminación de factores centrales y secundarios en los procesos cognitivos. No sólo representa un modo de dejar de lado los conocimientos *alter*, en el sentido de conocimientos y saberes tramados en relaciones diferentes a las de la ciencia moderna, por ejemplo por sociedades no europeas²⁴, sino que también funciona regulando los énfasis temáticos, conceptuales y los acentos dentro de los saberes normalizados bajo la rúbrica de científicos o académicos. De todos modos, me gustaría señalar que mi uso de la categoría pretende ocurrir en los límites de sus posibilidades heurísticas y sobre todo porque me ayuda a pensar la escena inicial de este relato. No creo que los traslados mecánicos funcionen pero si me parece, por el contrario, que si uno logra conectar una experiencia con la extensión semántica de un concepto o categoría gran parte de la rigidez y exterioridad desaparece²⁵.

Ante todo, y para los efectos comparativos de los que siempre echamos mano en las ciencias humanas, la colonialidad del saber trabaja de manera muy parecida al discurso porque selecciona, recorta e indica que es adecuado o no pensar, en que es adecuado o no hacer preguntas de alguna relevancia para la relación entre los sujetos que conocen -sus vidas concretas en una articulación histórica precisa que implica producción de relaciones y poder- y aquello que es tendencialmente descrito como los objetos de investigación.

Su peculiaridad, sin embargo, es que ella se describe mejor por las omisiones que propone que por los elementos positivos. Por ejemplo, allí donde no hay reflexión sobre el lugar de enunciación, y no sólo en términos de coordenadas histórico-sociales,

²⁴ Al respecto continúa siendo muy clara la intervención de Catherine Walsh (2007) en un texto que piensa directamente este problema y muestra un ejemplo de pensamiento alternativo. Me refiero a “Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial”.

²⁵ Fanon es un caso testigo de este tipo de proceso. Hay en su escritura una apuesta permanente por desplazar términos y conceptos de sus contextos originarios. Al respecto vale la pena revisar dos textos de Edward Said (1983, 1999) donde se involucra a Fanon como un activo transformador, en nuevos contextos, de las condiciones iniciales de la teoría. Me refiero en concreto a “Travelling Theories”, capítulo de “The World, The Text, and The Critic” y “Travelling theories reconsidered”.

allí donde la materialidad de los cuerpos y sus articulaciones están ausentes o donde las tabulaciones sobre raza, género, sexo, clase ordenan subrepticamente las encuestas, justo allí, estarían en marcha sus capacidades performativas. Tales capacidades actúan en diversos planos pero en donde se vuelve más incisiva y persistente la operación es donde los cuerpos aparecen separados de su materialidad concreta y son invocados por figuras conceptuales y categorías que los vuelven predecibles en sus trayectorias y relaciones.

Uso con total intencionalidad la idea de lo “adecuado” porque no es un tópico menor en la serie que estudia el vínculo entre cuerpos coloniales racializados, o simplemente cuerpos negros, y una normatividad (y racionalidad también) a la cual son atraídos y a la vez expulsados sistemáticamente, como de alguna manera ocurrió en mi lectura universitaria de “Los condenados de la tierra”. La noción remite a un vasto espacio reflexivo inaugurado por William Edward Burghardt DuBois (2003), en varios escritos, y sobre todo en “The Souls of the Black Folks”. La idea de experimentar el propio cuerpo como algo inadecuado es una creación que conecta experiencia y concepto en este pensador y que tiene consecuencias. La más concreta es la percepción de cierto desdoblamiento frente a los discursos de la ciudadanía, de la civilidad, de lo civilizatorio de los sujetos interpelados por la evidencia de sus cuerpos. Un desdoblamiento que al mismo tiempo que promete algún tipo de ingreso a esas dimensiones lo hace estableciendo límites precisos. Lewis Gordon (2009) ha reflexionado sobre la inadecuación a partir del modo en que funciona la idea misma de teodicea. En ese marco, la normatividad del discurso blanco se ofrece como punto de referencia frente al cual la única posibilidad es la de que ocurran mayores o menores identificaciones con respecto a él. A partir de allí es una referencia infalible, como un *dictum*, en el mismo sentido que en la palabra de dios funciona frente a los creyentes. Ellos, sus intérpretes y los actos que lleven a cabo sólo pueden “adecuarse” a ese *dictum* pero si fallan no es culpa de la palabra sino de una inadecuación persistente, muchas veces originaria, de sus propias constituciones corporales. No es difícil reconocer, por otra parte, en este tipo de operaciones las discusiones de fondo sobre el problema de la razón subjetiva y objetiva que atraviesa gran parte de los debates filosóficos y a los cuales, por ejemplo, Max Horkheimer (1973) consagrara gran parte de su “Crítica de la razón instrumental”. En particular esa imagen de la razón objetiva caracterizada por ser una suerte de fuerza contenida tanto en los hombres y mujeres como en las relaciones de clase, en las instituciones y la naturaleza que daba lugar, como consecuencia, a una racionalidad

vinculada a los fines desplegada en términos objetivos en los sistemas filosóficos. El efecto para los individuos era justamente el de hacer que el grado de racionalidad se midiera a partir de la armonía o la capacidad de ajustarse a esa totalidad que la razón objetiva proponía como marco vinculado a los fines (HORKHEIMER, 1973, p.16). El punto sin embargo en el cual una razón subjetiva no podría pasar la prueba de ninguna de las formas esperables, sea como crítica de los fines, sea como elogio de los medios, es lo que William DuBois (2003) detecta con claridad: que los cuerpos racializados están por afuera de cualquiera de los parámetros que delimitan esas racionalidades. En la saga de las ideas sobre la inadecuación que William DuBois (2003) despliega, Frantz Fanon aparece como una figura central sin mayores dificultades. Es en el capítulo cinco de “Piel negra, máscaras blancas”, titulado “La experiencia vivida del negro” donde Frantz Fanon (2009) describe un conflicto con la demanda racionalista que la filosofía de Sartre²⁶ le interpone a los cuerpos coloniales racializados que entregaron su causa, por decirlo de algún modo posible, a la afirmación radical de su singularidad. Frantz Fanon (2009) juega irónicamente con el arreglo a los fines de la dialéctica de la historia de Sartre, quien ve la crítica de las relaciones coloniales que lleva adelante la negritud como el movimiento antitético de la sociedad racista colonial. Y en el momento más alto, en el cual se articula prácticamente un sarcasmo sobre la operación ideológica de representar lo racional como fin ulterior, en este caso de una suerte de filosofía de la historia implícita en la dialéctica de Sartre, Frantz Fanon (2009) defiende cierto derecho a lo “irracional”. Las consecuencias son devastadoras para una racionalidad objetiva que subyace a una filosofía de la historia. Por un lado porque hace evidente la operación que subsume toda singularidad en fines ulteriores. Por otro, porque revela que aun en el ejercicio de subsunción el cuerpo colonial sólo puede acceder a la racionalidad ulterior de los fines a costa de permanecer racializado. Porque la crítica de las condiciones que racializan lo expulsa de la posibilidad de la Historia y la Ciudadanía en tanto ellas se modelan en y con la misma racialización. En esa dirección lo tachado, prohibido, borrado del discurso no es centralmente el cuerpo colonial racializado sino la relación que racializa en el discurso y distribuye los objetos que designa, como dije antes, en arreglo a los fines.

No es demasiado difícil advertir las consecuencias epistemológicas de semejante asunto. Si algún sentido tiene para nosotros la afirmación radical e irónica

²⁶ El capítulo se centra en discutir las posiciones que Jean-Paul Sartre había desarrollado con respecto a la dialéctica antirracista del movimiento de la negritud en “Orfeo negro”, el nombre de la introducción a la colección de poesía negra y malgache unos pocos años antes de la edición de “Piel negra, máscaras blancas”.

de una originalidad al estilo de las de Frantz Fanon, creo que es precisamente porque funciona como interrupción de una continuidad. Es decir, dispone sobre la mesa todos los elementos que configuran y modelan las figuras de la subjetividad en los cuerpos coloniales racializados y, al hacerlo, revela también que es en la performatividad donde están tanto la repetición de las razones ulteriores como su propia ruina. Tal tensión está relevada en su escritura. Frantz Fanon (2009) es persistente con la idea de que los cuerpos racializados en el colonialismo describen trayectorias abyectas casi en cualquier caso en que se los piense. Ahora bien, al decir “sin mayores dificultades”, intento mostrar dos cosas al mismo tiempo. Por un lado que la evidencia sobre el problema de la racialización del colonialismo en Frantz Fanon (2009) es abrumadora, desborda su escritura. Por otro, que aún así, con esa evidencia en tiempo presente tan definida, incluso en el centro de su propia enunciación, ocurren lecturas, como aquella que me implica y con la que inicio este ensayo, que desplazan la evidencia hasta el punto de hacerla desaparecer.

Mi ignorancia en aquél examen podría admitir, es cierto, otras explicaciones mucho más simples, por ejemplo, que no había estudiado lo suficiente, sin embargo, nunca sentí que ese hubiera sido el caso. Por el contrario, el hecho de que Frantz Fanon fuera negro se me representó, una y otra vez, como una pregunta que no hubiera planteado y que, por cierto, nadie me hubiera alentado a hacer en aquél contexto. No porque mis profesores y profesoras fueran racistas, claramente no lo eran, sino porque creo que se interponía, al tiempo que se tramaba en mi subjetividad, un imaginario racial entre aquella escritura y mi lectura, que hoy asumo como parte de una de las performatividades más intensas de la colonialidad del saber, las que volvían a aquella pregunta fútil. Performatividades que, bien miradas, no hacían sino asegurar las diferencias entre cuerpo y mente, entre cuerpo y conocimiento a un punto tal que, por ejemplo, las relaciones entre colonizadores y colonizados - el gran tópico de “Los condenados de la tierra” - no parecían describir racializaciones coloniales sino posiciones en una escala creciente del proceso de “toma de conciencia”. Es decir, una suerte de afirmación de la figura llamada “conciencia” frente a cualquier consideración sobre o del cuerpo.

Por otra parte, es difícil no quedar atrapado en las rigideces que presentan las categorías y los conceptos. Me debato en este texto si nombrar la colonialidad del saber implica o no una suerte de encierro de un problema complejo a favor de la síntesis. O si es un escape apresurado de la primera persona del singular con la que inicié este viaje. Uno puede hacer largos ejercicios exegéticos pero hay algo diferente que se vuelve palpable

en las escrituras anticoloniales y ello es que del colonialismo, y de las colonialidades sobre todo, no se sale sino al precio de cierto baldío conceptual, de cierta experiencia de desapropiación no sólo de teorías, sino también de visiones del mundo, imaginarios, etc. Tal tensión, creo, es originante de un amplio repertorio de situaciones en las que coinciden otros movimientos realizados por fuera de los caminos anticoloniales. La crítica de la representación que puso en jaque al discurso filosófico durante largos períodos, pero también al estatuto de disciplinas fuertemente engarzadas en ese dispositivo²⁷ cognitivo, como la antropología, la historiografía (con mayores dificultades debido, en gran parte, a la naturaleza de sus archivos²⁸) es una fuente casi inagotable de escenas que se parecen a las que están en juego en la crítica anticolonial. La coincidencia, si se puede llamar de ese modo, se da en el mismo plano en el que la evidencia resulta abrumadora, es decir, en el mismo momento en que la saturación de un campo semántico, por ejemplo, o de una práctica ya no admite más que lo que Foucault (1996, p. 1) llamaba la “práctica milenaria de lo Mismo y lo Otro”. Porque lo que está en juego es si, pensando en nuestros saberes, tal saturación no indica que una experiencia de desapropiación se puede convertir en un abandono disciplinario y si esa experiencia no es parte del proceso de una subjetividad en revisión, pongamos por caso, la propia. Si la respuesta es afirmativa el abanico de problemas escala de modo geométrico y permite una serie de consideraciones sobre las que quiero discurrir a continuación que involucran las biografías y los textos, las vidas y las escrituras.

Por estas rutas va la segunda dimensión que mencioné arriba, la de la tragedia, la del reconocimiento del error en tanto que error intelectual. En dos o tres oportunidades sostuve una tesis con respecto a la escritura de Frantz Fanon, tesis que excede las limitaciones iniciales que describen mis primeros movimientos en este ensayo, y que avanza sobre un conjunto más nutrido de sus textos y de las experiencias relatadas en los mismos. Esa tesis, si se puede presentar así, señala que gran parte de la relación escritura y conocimiento de la obra de Frantz Fanon se tramita en el registro de la tragedia, en su morfología. Es que, de alguna manera, la presentación de la subjetividad colonial, sea la del colonizado atravesado por los procesos de racialización tan visibles en “Piel negra, máscaras blancas”, sea en los documentos recopilados en un texto relativamente reciente titulado “Écrits sur l’aliénation et la

27 La noción de dispositivo aparece minuciosamente analizada por Giorgio Agamben (2011) en “¿Qué es un dispositivo?”. Recorre las principales derivas del concepto en Michel Foucault. Mi uso aquí tiende a vincular relaciones de poder y de saber, una de las características que Agamben (2011, p.250) describe para el concepto en Foucault.

28 Ver de Mario Rufer (2016), “El archivo: de la metáfora extractiva a la ruptura poscolonial”.

liberté” (FANON, 2015), o en los colonizados y colonizadores de “Los condenados de la tierra” (FANON, 1983), por citar los más conocidos, lo que uno percibe es que Frantz Fanon piensa en la trama de la tragedia cuando describe los itinerarios de los sujetos coloniales, lo cual implica, por otra parte, que es casi imposible deslindar su propia biografía de esa experiencia. Pero ante todo, lo que tiene de interesante el ejercicio es que se producen varios eventos al mismo tiempo al elegir esa implicación por la trama trágica. En primer lugar, el desmonte del mundo colonial reconoce dificultades en la escritura fanoniana que no son sólo las obvias, a saber, la derrota de la dominación económica y política de las metrópolis, o de tipo conceptual, me refiero al problema de cómo nombrar una experiencia descolonizadora, cómo enmarcarla, conducirla, cómo darle sentido crítico, etc. En segundo, porque hay elementos adicionales que tienen que ver con decisiones de orden narrativo, con el registro en el que se presenta el problema y, en ese plano, se pueden reconocer zonas que morfológicamente recuerdan a la tragedia y que parecen resolverse de una manera que llamaré “por saturación de la representación”. Esta dimensión a mi juicio es crucial. Los textos de Frantz Fanon (1983, 2009, 2015) están plenos de ejemplos que permiten caracterizar los modos en que ocurre lo que llamo el error intelectual o cognitivo, que no sería sino una forma concreta de la performatividad de la colonialidad del saber, aún cuando el autor no hablara con ese vocabulario. Tanto los personajes de sus relatos, Jean Veneuse, el joven negro de la colonia que estudia en la metrópoli y ensaya por todos los medios su proceso de acercamiento al núcleo de la cultura metropolitana blanca, sea en las costumbres, en la lengua o el deseo, Nini, la maltratada personaje de la novela de Mayotte Capécia, o el propio Frantz Fanon (2009) discurriendo en el capítulo cinco de “Piel negra, máscaras blancas” contra la demanda, como vimos antes, de la dialéctica de la historia de Sartre, o describiendo los modos en que los esquemas corporales de Merleau-Ponty no funcionan en la experiencia vivida de los sujetos racializados (FANON, 2009), o en la ausencia de una ontología para los negros colonizados, en cada una de esas tramas se presenta el problema de habitar un universo de significados y de sentido que parece, por todos los medios, desmentir la posición de los cuerpos coloniales con respecto a ellos. Frantz Fanon comprende muy rápido que habitar el error intelectual que supone no reconocer las “coordenadas febriles” del mundo implica que algo funciona en exceso con respecto a los personajes, sean los conceptuales, los anecdóticos o literarios. La figura del lenguaje, evocado en “Piel

negra, máscaras blancas” a partir de la imagen de Valery, como “el dios extraviado en la carne” es crucial para describir esta complejidad en la que se imbrican en situación colonial, casi imperceptiblemente, varias de las figuras de la tragedia, a saber, la peripecia, la anagnórisis y la catástrofe (FANON, 2009, p. 50). Él es enfático cuando piensa en el idioma francés al señalar que “hablar es emplear determinada sintaxis, poseer la morfología de tal o cual idioma, pero es, sobre todo, asumir una cultura, soportar el peso de una civilización” (FANON, 2009, p. 49). Queda claro, eso pienso, que tal peso no se refiere solamente a las dimensiones semánticas, gramaticales y sintácticas del idioma, sino que refiere a la pregunta persistente e inquietante que late en toda su escritura de si es posible decir el mundo de otro modo y de si ese otro modo tiene alguna chance de re-conectar los cuerpos entre sí.

Si por un lado, el de la peripecia, cada uno de los eventos o procesos narrados por Fanon (2009) son objeto de cambios repentinos, por otro, ocurre en la estructura de sus relatos cierto reconocimiento de los límites de la inteligibilidad del mundo colonial. Se hace presente la evidencia, por fuerza de una anagnórisis, me gustaría decirlo de ese modo, de los límites de lo inteligible en los términos de esas trayectorias vitales, de una suerte de reconocimiento que funciona de manera compleja porque revela el error pero no asegura el resultado en términos de conciencia con respecto a él. Y si sostenemos la figura de la catástrofe ella opera en un sentido doble en la escritura fanoniana: el mundo colonial aparece como una ruina en sí misma para los sujetos y, a la vez, todo descenso a los infiernos ocurre en la saturación y en el desmonte de las coordenadas que ordenan ese mundo, que no son sino las coordenadas de la representación. Uno podría decir en este punto, con algún sentido moral de justicia, que si cesa el colonialismo no hay razón para la catástrofe, a menos claro, que entienda que las figuras de la subjetividad creadas allí son las que atraviesan el proceso de su disgregación, son las que experimentan el drama de la representación cuando todo el universo disponible para pensarse habita dentro de ella.

En este momento del texto quisiera proponer algunas preguntas que atañen, eso creo, a lo que he venido exponiendo hasta el momento. Una de ellas me sigue pareciendo pertinente, incluso por todos los medios en los que se la ensaya, y es la pregunta que evoca el problema acerca de cómo se enuncia. De manera deliberada propongo desplazar por un instante el problema del lugar de enunciación porque creo que el “cómo” desempeña un papel más importante que el *locus*, incluso cuando comparto lo que está en juego

en esa idea. No desconozco, preciso decirlo, la importancia que el concepto de lugar de enunciación tiene en lo que respecta a las constituciones discursivas desde donde se enuncia, en especial cuando se trata de hacer emerger otros *locus* de enunciación en términos epistemológicos. El concepto es fuertemente articulador de una saga crucial de textos de un autor como Walter Mignolo (2003b).

Me interesa, sin embargo, trazar algunas observaciones finales en relación a cómo se enuncia cuando están en juego encrucijadas como las que los textos de Frantz Fanon proporcionan, las cuales, antes bien que constituir una suerte de positividad, en el sentido de afirmar cómo debería ser el mundo, se tramitan en situaciones auto-contradictorias y en otros casos como afirmaciones que funcionan en tanto que interrupciones de la performatividad del discurso epistemológico que racializa. Quiero pensarlas, así mismo, en relación a mi “error” intelectual inicial que pone en primer plano, por muchos caminos, la trama de una colonialidad en mi propia experiencia intelectual.

Ahora bien, ello implica considerar algunos problemas comunes cuando se debaten estas cuestiones. El primero de ellos es cómo proceder a partir del “error”. Una respuesta es la que deposita toda la confianza en la respuesta que “descubre” y “reconoce” como ausente una dimensión aparentemente central y, al hacerlo, restituye una parte del tejido perdida u ocultada. En concreto, se trata de mostrar lo ausente a partir de la operación que racializa la escritura de Frantz Fanon, desplazando el hecho de que era negro, al hacerla circular como una intervención en el espacio de las teorías críticas del siglo XX. Allí vale detenerse y preguntar si se restituye algún problema o, por el contrario, si eso va a depender del modo en que es presentado tal problema. Por ejemplo, ¿Qué ocurre si la crítica devuelve la condición negra de Frantz Fanon a su escritura? ¿Cómo son los deslizamientos sutiles en la relación entre biografía y escritura? ¿De qué manera se implican entre sí, qué ocurre cuando la subjetividad y la experiencia se traman directamente con los modos expresivos de una escritura y con los temas, categorías y conceptos que en ella se forjan? ¿Cuál es la serie de exclusiones que en contraste actúan si la racialización aparece o no en escena, no sólo del lado de la experiencia sino en el fundamento mismo de la crítica, pero ya no como exterioridad, dado que nunca lo fue, sino como condición indispensable para entender el tipo de conocimiento en juego? Cada una de estas notas/preguntas a mi juicio indica de partida que no hay soluciones simples a la vista. Quiero decir que por un lado no sería posible asumir una respuesta moral del tipo “sólo quienes

experimentan estos procesos pueden hablar de ellos en términos de conocimiento” o “dado que la experiencia humana es común, independientemente de las situaciones, hay un núcleo comunicable de ideas y experiencias”. Ambas respuestas conducen a un callejón sin salida, sea por la vía de un exclusivismo, del que se han escrito bibliotecas, sea por la vía de un humanismo que respeta lo diverso desplazando la diferencia. En principio porque acepta en uno y otro caso el hecho de cierta ontologización que refuerza las posiciones pero las vuelve excluyentes y expulsivas del problema del poder y de la diferencia cuando se los piensa históricamente. Al mismo tiempo, convierte los discursos críticos, como el de Frantz Fanon, por ejemplo, en una suerte de fenómeno autocontenido que sólo se lo puede entender o explicar por su pertenencia a la filiación raza y colonialismo o a una humanidad compartida en la diversidad.

Creo que la configuración trágica de la escritura fanoniana, al menos en sus dos textos más conocidos, “Los condenados de la tierra” y “Piel negra, máscaras blancas”, da algunas pistas para pensar los problemas que intento relevar con las preguntas anteriores. En primer lugar esa configuración además de poner en juego las dimensiones formales de las que brevemente hablé, permite mantener la zona afirmativa de conceptos, categorías y experiencias en un lugar relativamente inestable porque nunca se está en control de todas las variables históricas. Frantz Fanon pone en primer plano el problema de que las fuerzas y performatividades que el régimen colonial desata sobre los cuerpos y las vidas acechan en cada término destinado a conjurarlas. Al hacer eso, en un mismo movimiento quedan expuestos los límites representacionales de discursos pretendidamente universales, aun aquellos más difíciles de detectar en esa función, como gran parte de los discursos filosóficos que le son contemporáneos, el existencialismo, la fenomenología, el materialismo histórico, por nombrar los más evidentes. A su vez quedan expuestos los límites de una enunciación que ahora restituye la encrucijada racializada y subalterna de la que intenta emerger. El siguiente paso, entonces, no se da en ninguna dirección parecida a las acostumbradas. Al mismo tiempo que se puede describir la trayectoria de una consciencia emergente, porque son escrituras emancipatorias, lo más potente ocurre en el momento en que límites mencionados quedan advertidos. No se trata de una zona despejada de incertidumbres para que la conciencia actúe, sino una suerte de aceleración o frenesí que consume todo el combustible representacional del mundo colonial. Lo pienso como la saturación de un campo semántico en el que se despliega el proceso repetitivo de la representación hasta el punto en el que pierde todo anclaje,

digamos, se pierde la capacidad de articularse en el signo. Frantz Fanon conecta ese proceso con los cuerpos coloniales de manera tal que ellos repiten sistemáticamente los movimientos en los cuales la representación los concibe pero al mismo tiempo en la misma repetición la saturan. Así las imágenes que genera en su escritura son portentosas, ellas van desde el vaivén de las palmeras azotadas por el viento que prefiguran el ir y venir de las mercancías en los puertos coloniales (FANON, 1983) pasando por la secuencia de los esquemas corporales y los movimientos imposibles de naturalizar, primero por los cuerpos en el colonialismo debido a los relatos racializados que los describen y luego por el hecho absoluto de una piel para la que no hay sino inadecuación (FANON, 2009), hasta la tensión permanente del colonizado siempre acechado y al acecho dentro los límites estrechos en que la vida se produce en el cuerpo colonial (FANON, 1983).

No cabe duda que se puede debatir largamente si hay alguna salida de la representación como dispositivo cognitivo acuñado en las tramas de la colonialidad del saber pero como es obvio no es algo que pueda resolver aquí. Por el contrario, mi hipótesis es de menor trascendencia. Ella propone que al hacer énfasis en cómo se enuncia, lo que se destaca es el efecto de saturación de la representación como una característica de la escritura anticolonial fanoniana. El problema entonces no radica sólo en pensar cuales otras epistemologías han sido reprimidas en el proceso de la colonialidad del saber (algo fuera de discusión), sino también en entender por qué medios y de qué manera proceden en sus actos performativos escrituras afiliadas a los cuerpos que disputan la colonialidad. Mi respuesta provisoria habita entre los problemas abiertos por mi desconocimiento inicial, como una de las tantas tramas de una colonialidad del saber, y la performance de una enunciación que siempre encuentra posibles emergencias en el contexto de una subjetividad tramada en el colonialismo. Allí, tal vez, el baldío sea una posibilidad.

Referencias

- AGAMBEN, Giorgio. ¿Qué es un dispositivo?. *Sociológica*, México, año 26, n. 73, p. 249-264, may./ago. 2011.
- DUBOIS, William Edward Burghardt. The Souls of Black Folk. *En*: BAYM, Nina (Ed.). **The Norton Anthology of American Literature**. Nueva York: W.W. Norton, 2003. p. 1702-1718.
- FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. México: FCE, 1983.
- FANON, Frantz. **Écrits sur l'aliénation et la liberté**. Textos reunidos y presentados por Jean Khalifa y Robert Young. París: La Découverte, 2015.
- FANON, Frantz. **Piel negra, máscaras blancas**. Traducción A. Useros Martin. Madrid: Akal. 2009.



A TEORIA LITERÁRIA COMO JOGO

- FOUCAULT, Michel. **Las palabras y las cosas. Una arqueología de las ciencias humanas.** Traducción E. C. Frost. México: Siglo XXI, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **La arqueología del saber.** Traducción A. Garzón del Camino. México: Siglo XXI, 1985.
- GORDON, Lewis. **Decadencia disciplinaria. Pensamiento vivo en tiempos difíciles.** Quito: Abya Yala, 2013.
- GORDON, Lewis. Fanon y el desarrollo. Una mirada filosófica Traducción A. De Oto. *En*: MIGNOLO, Walter. **La teoría política en la encrucijada decolonial.** Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2009. p. 125-162.
- HORKHEIMER, Max. **Crítica de la razón instrumental.** Traducción H. Murena y D Vogelmann. Buenos Aires: Editorial Sur, 1973.
- LANDER, Edgardo. (Comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 1993.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. La topología del ser y la geopolítica del saber. Modernidad, imperio, colonialidad. *En*: SCHIWY, Freya; MALDONADO-TORRES, Nelson; MIGNOLO, Walter. **(Des)colonialidad del ser y del saber.** Cuaderno 1. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006. p. 63-130.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *En*: CASTRO-GÓMEZ, S; GROSGOUEL, R (Eds.). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.** Bogotá, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-168.
- MIGNOLO, Walter. **Capitalismo y geopolítica del conocimiento.** Buenos Aires, Ediciones del Signo, 2001.
- MIGNOLO, Walter. Los estudios culturales: geopolítica del conocimiento y exigencias/necesidades institucionales. **Revista iberoamericana**, v.69, n. 203, p. 401-415, 2003a.
- MIGNOLO, Walter. **Historias locales; diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo.** Madrid: Akal, 2003b.
- MIGNOLO, Walter. The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference. **The South Atlantic Quarterly**, v. 101, n. 1, p. 57-96, dic. 2002.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad el Poder y Clasificación Social. *En*: CASTRO-GÓMEZ, S; GROSGOUEL, R. (Eds.). **El Giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.** Bogotá, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.
- RUFER, Mario. **El archivo: de la metáfora extractiva a la ruptura poscolonial.** México: Siglo XXI, 2016.
- SAID, Edward. **The world, the text, and the critic.** Cambridge, Estados Unidos: Harvard University Press, 1983.
- SAID, Edward. Travelling theory reconsidered. *En*: GIBSON, Nigel (Ed.). **Rethinking Fanon. The continuing dialogue.** Nueva York: Humanities Books, 1999. p. 197-214.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. *En*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Eds.). **El Giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.** Bogotá, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 47-62.

Alcione Correa Alves

Tituba speaks

The magic I brought wrapped up tight in the bosom
of my chest to Salem, Massachusetts,
Came not from slaves, nor from my Guyanese Indian people,
but from a white woman
Who taught it to me back in Barbadoes
where I forcefully taken. She the one, those days we alone
On the plantation, showed me how to curse someone
and how to turn-back-the-curse to cure someone.
Some nights that woman and I would look up
at the flat white face of the moon –
And it is true, we both called the moon mother.
She had a black cat about her
She called familiar. There was a broom she never touched
leaning against the far wall in the corner (BISHOP, 2016, p. 257)

Para fins didáticos, ao longo das discussões ora propostas, este texto vislumbra a representação enquanto jogo com vistas a, a partir deste exercício, tratar o problema da representação no tocante a dois temas específicos de investigação: um *corpus* de literaturas negras americanas ou, mais precisamente, de literaturas enunciando desde um lugar negro americano; e um conjunto de referenciais teóricos que enunciam desde um lugar negro.

Nesta perspectiva particular de produção e difusão de conhecimento, por nós investigada mediante os princípios de um modelo acadêmico estabelecido (a saber, sob as regras do campo dos Estudos Literários, no Brasil), aceitar-se-ia, como associação válida ao nome de Tituba constante no título do poema de Jacqueline Bishop, a recordação de uma exposição ocorrida este ano, no Musée d'Orsay, intitulada “Le Modèle noir. De Géricault à Matisse”. De modo mais específico, como parte desta exposição, há um quadro a evocar interesse direto, originalmente intitulado “Portrait d'une négresse”, assinado por Marie-Guillemine Benoist no ano de 1800.



SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alejandro De Oto

Investigador de Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) y profesor en la Universidad Nacional de San Juan (UNSJ), Argentina.

E-mail: adeoto@gmail.com

Alcione Correa Alves

Mestrado e Doutorado em Letras, obtidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está professor adjunto III na Universidade Federal do Piauí, onde tem desenvolvido atividades docentes de ensino, extensão e pesquisa, em níveis de graduação e pós-graduação. Tem coordenado, desde 2010, o Projeto de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, dedicado ao tema das construções identitárias nas literaturas negras americanas. Isso implica, como atual objetivo de investigação (seu e do Projeto Teseu), perceber este corpus de pensamento negro em uma dupla dimensão de ficção e ensaio, de modo a evidenciar o quanto contribui à formulação de novos problemas, teóricos e epistemológicos, atinentes a uma Teoria Literária contemporânea em Nuestramérica (Abya Yalá).

E-mail: alcione@ufpi.edu.br

Aline de Moura Rodrigues

Estudante do Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente Bolsista de Desenvolvimento Acadêmico por meio do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento (SECADI/CAPES), na condição de estudante-hóspede no Centro de Investigaciones Superiores en Antropología Social (Unidad CIESAS Sureste – San Cristóbal de Las Casas, México).

E-mail: linymourar@gmail.com

Andréa Franco Lima e Silva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPB). Mestre em Sociologia (UFMG), Graduação em Ciências Sociais (UFMG).

E-mail: andreafls@gmail.com

Dyana Helena de Souza

Bacharel em Serviço Social pela Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB). Integrante Grupo de Pesquisa Promoção e Equidade em Saúde, realizando estudos sobre a inserção da equidade racial na formação profissional nos cursos da área de saúde.

E-mail: dyana_4521@hotmail.com

Fernanda Maiato

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Coletivo Psicopreta.

E-mail: fernandamaiato.ch@gmail.com

Jefferson Olivatto da Silva

Professor Depto. Psicologia Social e Institucional (UEL), Programa de Pós-Graduação em Educação (UNICENTRO). Pós-doutor em História (UFPR), Pós-doutor em Educação (UFPR), Pós-doutorando em Serviço Social e Política Pública (UEL). Doutor em Ciências Sociais (UNESP/Marília). Graduação em Filosofia (USC-Bauru) e Formação de Psicólogo (UNESP/Assis).

E-mail: jeffolivattosilva@uel.br

Károl Veiga Cabral

Doutora em Antropologia pela Universitat de Rovira y Virgili. Pós-Doutoranda pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: karolveigacabral@gmail.com

Maíne Alves Prates

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: mainealvespratesn@gmail.com

Márcia Denise de Lima Dias

Suporte pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Manguoeirinha/PR. Mestre em Educação (UNICENTRO). Graduação em História (UNICENTRO/Guarapuava).

Email: mardias2020@gmail.com

Marina Tremper

Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

E-mail: marinatremper@gmail.com

Míriam Cristiane Alves

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Professora Colaboradora do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa É'LÉÉKO.

E-mail: oba.olorioba@gmail.com

Mirian Teresa de Sá Leitão Martins

Psicóloga e Mestre em Ciências Médicas PGCM/Uerj e Mestranda em Saúde Coletiva/UFF

E-mail: mirianteresad@yahoo.com.br

Rafael Barcellos

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Assistente em Administração na UFRGS. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa É'LÉÉKO. Integrante do Coletivo Psicopreta.

E-mail: rafaelbarcellosp@gmail.com

Rutte Tavares Cardoso Andrade

Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Colaboradora do Curso de Pós-Graduação em Pedagogia na Universidade de Santiago em Cabo Verde.

E-mail: rutteandrade@unilab.edu.br

Tatiane Borchardt da Costa

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pesquisadora colaboradora do Núcleo de Estudos e Pesquisas É'LÉÉKO.

E-mail: tatianebdcpai@gmail.com

Thais Rodrigues dos Santos

Psicóloga do Setor de Assistência Estudantil da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/Irati). Mestra em Educação (UNICENTRO). Graduação e Formação de Psicóloga (UNICENTRO/Irati).

E-mail: rodriguesdossantosthais@gmail.com

Publicações da Editora Rede UNIDA

Séries:

Atenção Básica e Educação na Saúde

Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde

Cadernos da Saúde Coletiva

Vivências em Educação na Saúde

Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde

Saúde Coletiva e Cooperação Internacional

Clássicos da Saúde Coletiva

Saúde & Amazônia

Arte Popular, Cultura e Poesia

Branco Vivo

Saúde em imagens

Economia da Saúde e Desenvolvimento Econômico

Saúde, Ambiente e Interdisciplinaridade

Pensamento Negro Descolonial

Outros

Periódicos:

Revista Saúde em Redes

Revista Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia



FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

www.redeunida.org.br



ISBN 978-85-54329-36-5



9 788554 132936 5